

Médico do Rio é o que menos trabalha no país

■ Estudo diagnóstica empreguismo e mostra que a produtividade dos profissionais é de apenas 3,97 consultas anuais por habitante

FABRICIO MARQUES

SÃO PAULO — Um estudo do

economista André Cezar Medici, do Instituto de Economia do Setor Público (Iesp), de São Paulo, revela que a produtividade dos médicos do Rio de Janeiro é a mais baixa do país. Segundo o trabalho, que compara os sistemas de saúde paulista e fluminenses, o número anual de consultas médicas no Rio de Janeiro é de 3,97 por habitante. Já em São Paulo esse índice é maior, de 4,26

consultas por habitante a cada ano.

O descompasso, de acordo com o estudo, torna-se gritante quando se avalia a enorme concentração de médicos em atividade no estado do Rio. Há um médico para cada 300 fluminenses, quando em São Paulo o número de médicos é relativamente menor: um para cada grupo de 500 habitantes. A média brasileira é de um para 657 habitantes. O trabalho de Medici, concluído há dois meses, chega à seguinte conclusão:

embora existam mais médicos no Rio, isso não se traduz num aumento de consultas.

Queda forte — “Pode-se dizer que o empreguismo médico no Rio de Janeiro chega às raias do absurdo”, diz André Medici, que é carioca e mora em São Paulo.

“O fato torna-se mais grave quando observamos que, entre 1985 e 1990, a produtividade média dos médicos aumentou em todo o país, embora tenha caído fortemente no Rio. A relação entre habitantes e empregos médicos no

Rio só é comparável à de Cuba, onde existe um diagnóstico internacional de superoferta de médicos”, afirma o pesquisador.

Na conclusão de seu trabalho, André Medici atribui a crise da Saúde no Rio de Janeiro à forma caótica como o setor é administrado. “A crise não é causada nem pela escassez de recursos nem pela falta de profissionais e instalações de Saúde. Certamente, os grandes problemas denotam desperdício de recursos e de utili-

zação dos profissionais existentes”, diz André.

O estudo mostra ainda que os gastos líquidos com Saúde no Rio de Janeiro aumentaram em média 2,8% ao ano, desde o início da década de 80. Isso resultou num crescimento da rede de hospitais e postos de atendimento da ordem de 4% ao ano. O estado do Rio é apontado como o que tem a melhor estrutura para internações. São 5,28 leitos hospitalares em cada grupo de 1 mil habitantes. Em São Paulo, há menos leitos:

4,09 para cada 1 mil habitantes.

“Mesmo com uma grande concentração de leitos hospitalares, o Rio de Janeiro vem enfrentando uma forte crise de atendimento, fruto do corporativismo de seus profissionais, dos poucos recursos destinados à manutenção destes hospitais e da ausência de programas gerenciais que permitam organizar o sistema de atendimento de forma compatível com as necessidades de sua população”, diz André Medici.

Sindicato não aceita demissão

O presidente do Sindicato dos Médicos, Jorge Darze, acredita que o prefeito César Maia esteja blefando ao ameaçar demitir o diretor do Hospital Souza Aguiar, Paulo César Affonso Ferreira. Segundo Darze, o Código de Ética Médica proíbe a substituição de médicos demissionários por razões éticas. “A indicação de um administrador não médico também não será possível. A equipe do HSA já decidiu não aceitar um interventor”, afirmou.

Ontem, o diretor do HSA e os 48 chefes de equipe encaminharam documento ao secretário de Saúde, Ronaldo Gazolla, questionando sua posição em relação ao prefeito, que chamou Paulo César de “incompetente” e o ameaçou com exoneração. Os médicos grevistas fecharam ontem o setor de emergência do Hospital Rocha Maia, em Botafogo. Só foram atendidos três casos graves até o final da tarde. No município há 22 mil profissionais de saúde, quatro mil deles são médicos.

Direção do HSE apura mais fraudes

Depois de mais de uma década de crise, marcada nos últimos anos por denúncias de fraudes de superfaturamentos em compras e contratação de serviços, o Hospital dos Servidores do Estado (HSE) está passando por completa reformulação. A nova direção, que assumiu há menos de um mês, encontrou um festival de irregularidades na administração.

Os seguranças, em número maior do que o necessário, recebiam quatro vezes mais do que o valor de mercado. Uma das últimas licitações aprovadas autorizava a compra de 98 toneladas de macarrão para três meses de consumo. Com 250 leitos e 750 médicos que fazem refeições no hospital, a média de consumo diário seria de um quilo de macarrão cru por pessoa.

As distorções estão sendo corrigidas pelo médico Crescêncio Antunes da Silveira Neto, que assumiu a direção em 3 de novembro, após deixar a vice-presidência do Conselho Federal de Medicina. A Coordenação Geral das Unidades Hospitalares Próprias do Ministério da Saúde participa da reformulação, fazendo a revisão de 200 processos de licitação das gestões anteriores.

Dívidas — Outro problema enfrentado foram as empresas prestadoras de serviço de manutenção — contratadas sem licitação e sem receber desde 1992. A nova direção propôs um acordo e fez contratos temporários. “Nosso laboratório de imuno-genética atende a todo o programa de transplante de órgãos do estado. Como ficaríamos sem refrigeração?”, exemplificou Crescêncio, acrescentando que quer acertar os débitos com as empresas.

Médico do setor de Hematologia do HSE desde 1980, Crescêncio foi obrigada a cuidar de sua segurança. Em sua segunda semana de trabalho, foi aberto inquérito administrativo para investigar suspeitas de que a gráfica do HSE era usada para serviços externos, enquanto ofícios do hospital eram xerocados. Dois dias depois da vistoria na gráfica, o carro de Crescêncio apresentou defeito: a mangueira estava solta, espalhando gasolina perto do distribuidor — o que poderia incendiar o veículo. Desde então, o diretor tem guarda-costas.